
O FILME-ENSAIO E O DOCUMENTÁRIO COMO EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA NA TEMÁTICA DOS DIREITOS HUMANOS

THE FILM ESSAY AND THE DOCUMENTARY AS A UNIVERSITY EXTENSION ON THE THEME OF HUMAN RIGHTS

Álvaro André Zeini Cruz

Doutor e Mestre em Multimeios pela Unicamp; Especialista em Roteiro pela FAAP; Bacharel em Cinema e Vídeo pela UNESPAR/Faculdade de Artes do Paraná

Coletivo Produção Audiovisual 2024-2026¹

Coletivo formado por discentes do curso tecnológico em Produção Audiovisual das Faculdades Integradas de Bauru, turma 2024-2026

RESUMO

O presente artigo relata e reflete academicamente o bojo de produções audiovisuais provenientes de uma interdisciplinaridade associada à execução do Projeto de Extensão, com temática relacionada aos Direitos Humanos. Nesse sentido, o texto trata dos filmes-ensaios realizados pelos alunos em dois exercícios: o primeiro, individual, baseado nas propostas do catálogo da mostra de direitos humanos; o segundo, em grupo, abordando a temática ambiental. Por fim, o artigo reflete ainda a produção dos documentários realizados na disciplina de documentarismo.

Palavras-chave: Filme-Ensaio; Documentário; Cinema Ambiental; Extensão Universitária; Direitos Humanos.

ABSTRACT

This article academically reports on and reflects upon the body of audiovisual productions resulting from an interdisciplinary approach associated with the execution of an Extension Project on the theme of Human Rights. In this sense, the text discusses the essay films made by students in two exercises: the first, individual, based on the proposals in the catalogue of the human rights exhibition; the second, in groups, addressing environmental issues. Finally, the article also reflects on the production of documentaries made in the documentary filmmaking course

Keywords: Film Essay; Documentary; Environmental Cinema; University Extension; Human Rights

¹ Coletivo composto pelos discentes: Bruno Cunha Oliveira, Bruno Martins Militão de Castro, Bruno Reche Rosa, Diogo Moreno Pereira, Elton Patrizi Maximino, Felipe Fidencio, Gabriel Bassi Vitor, Giovana Navarro Fonseca, Giovane Ponce Diniz, Giulia de Oliveira Costa, Guilherme Ricci Delfino Lino, Isadora Camoio Rego, João Pedro de Oliveira Souza, João Vitor dos Santos, Kaik Aruan da Silva Vingnotto, Leonardo Davi Torres Magalhães, Luisa Piovesan Spina, Maria Eduarda Alves Rodrigues Moreira, Marina de Souza Batista, Nathalia Palma Alves de Almeida Fernandes, Orestes Rosseto Neto e Tiago de Quadros Ferreira.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo relata e discute, a partir de intersecções disciplinares entre Projeto Integrador e Documentarismo, projetos realizados pelos alunos de Produção Audiovisual das Faculdades Integradas de Bauru (FIB), entre os terceiros e quarto semestres de curso, integrando também atividades do Projeto de Extensão Universitária.

A Extensão Universitária é hoje obrigatoriedade das Instituições de Ensino Superior, regulamentada pelo MEC, e visa uma maior interlocução entre a comunidade acadêmica e a comunidade não-acadêmica local ou regional. Segundo artigo do Ministério da Educação, a Extensão compõe uma relação de indissociabilidade com ensino e pesquisa, e visa “a troca de saberes, acadêmicos e populares” para “o desenvolvimento crítico de espaços de democratização do conhecimento” (MEC, 2025).

Partindo dessa diretriz, o projeto aqui relatado costura uma interdisciplinaridade que abrange ensino, pesquisa e extensão, entendendo que as ementas e conteúdos programáticos das referidas matérias trazem lastro a uma comunicação comunitária para além dos muros da faculdade, da mesma forma que reelaboram cientificamente os resultados e suas publicizações, necessárias para a efetivação da Extensão Universitária.

Isso posto, o texto a seguir apresenta resultados relativos a três processos de pesquisa e realização audiovisual, envolvendo a produção de filmes-ensaios e documentários. Nos diferentes gêneros, as obras tocam nas discussões sobre Direitos Humanos, tema-diretor do Projeto de Extensão que, neste ano de 2025, privilegia o debate acerca da emergência ambiental, visando a exposição de uma curadoria desses trabalhos na Semana dos Direitos Humanos da FIB, realizada entre 03 e 07 de novembro de 2025.

2 FILMES-ENSAIOS INDIVIDUAIS: A ARTE COMO DIREITO HUMANO

Proposto na disciplina Projeto Integrador II, a primeira atividade parte do princípio de que o sonho, a imaginação e a memórias são experiências humanas inalienáveis, indo ao encontro da defesa de Antônio Cândido (2004) de que a arte, como alimento e exercício dessas subjetividades, é um Direito Humano. É também nesse sentido que o texto de Lúcia Ramos Monteiro (2024), publicado no catálogo da 13ª Mostra de Direitos Humanos, concatena uma série de dispositivos audiovisuais recorrentes nos filmes exibidos naquele

evento, sugerindo, a partir dessa síntese, cinco propostas de exercícios que trazem os Direitos Humanos a partir da subjetividade ensaística.

Cabe retomar o filme-ensaio como um gênero híbrido, que pode acionar recursos da ficção, do documentário e da videoarte em prol de um discurso audiovisual que fricciona o realizador e o mundo, assumindo a subjetividade errante do ensaísmo. Em seu livro sobre o filme-ensaio, Timothy Corrigan (2015) define o gênero como “(1) um teste da subjetividade expressiva por meio de (2) encontros experienciais em uma arena pública, (3) cujo produto se torna a figuração do pensar ou pensamento como um discurso cinematográfico e um resposta do espectador” (p. 33). O autor ainda define o filme-ensaio como uma zona intermediária cultural associada ao risco e à dúvida (p. 36), trazendo ainda a analogia de Lukacs do ensaio como um julgamento no qual o veredito é menos importante do que o processo de julgar (p. 27).

Os cinco exercícios propostos ao final do texto de Monteiro (2024), realizados em filmes-ensaios pela turma de Produção Audiovisual 2024–2026, foram:

- 1. Busque um retrato antigo de alguém desconhecido, em um álbum de família ou num acervo online; 2. Fragmenta a imagem, de maneira a identificar detalhes imperceptíveis à primeira vista; 3. Associe cada parte da fotografia a um poema de sua escolha.
- 2. Tente se lembrar de sua memória mais antiga; 2. Procure descrevê-la em um texto curto; 3. Filme algo que tenha mesmas cores dessa memória enquanto lê em voz alta o texto que escreveu.
- 3. Filme sua mãe (ou outro familiar) fazendo uma ação corriqueira. 2. Escreva 3 frases para ela falar. 3. Filme-a novamente, desenvolvendo uma ação enquanto ela fala o que escreveu. No final, pergunte a ela se ela gostaria de ser atriz e grave a resposta.
- 4. Tente se lembrar em detalhes de um sonho recente; 2. Descreva-o em voz alta e grave; 3. Filme, de preferência em plano fixo, um ser vivo não humano.
- 5. Procure o documento mais antigo de sua família; 2. Filme ou fotografe trechos dele;
- 6. Em caso de ausência de documentos, grave a pessoa mais antiga de sua família contando as informações oralmente.

Pode causar estranhamento que propostas de exercícios tão poéticas e personalistas componham uma reflexão sobre Direitos Humanos, mas, além do entendimento de

Cândido e Monteiro do sonho e da imaginação como atividades humanas intrínsecas, intransferíveis e inevitáveis (compondo, assim, um direito), parte-se também da compreensão de que a comunicação e a criação são pontes à alteridade, isto é, ao conhecimento, identificação e empatia com o outro; é nesse sentido, por exemplo, que Alain Bergala (2008) defende, especificamente, a alteridade provocada pelo cinema como uma ferramenta educativa, que parte da projeção para a construção do conhecimento. Nesse sentido, os exercícios propõem partilhas sensíveis, nas quais os realizadores e realizadoras, em trabalhos individuais, dividem sonhos, lembranças, histórias, convivências e preocupações com o futuro em entrelaçamentos oníricos e plurais, feitos entre imagens e sons.

Nessa proposição de olhares organizados menos como discursos prontos e mais como ideias em processo, predominam as propostas II e IV, que tratam, respectivamente, de lembranças e sonhos, transcribando-os em experiências estéticas de forma e cor. Um exemplo desse recorte é “Melífluo”, filme da aluna Nathalia Alves Fernandes, que descreve, através da voz *over*, uma lembrança atmosférica, ao passo que as imagens passeiam por espaços públicos, tendo um buquê de flores campestres como presença principal. Em outro tipo de abordagem, os trabalhos de Bruno Cunha Oliveira e João Vitor dos Santos especulam o estatuto das imagens a partir de visualidade de game e de paisagens transformadas pela pós-produção. Os ensaios dos alunos Kaik Aruan da Silva Vingnotto e Marina de Souza Batista recorrem ao protagonismo de familiares; no primeiro caso, a mãe de Vingnotto protagoniza uma cena cuja dramaturgia transita entre a ficção e o documental, refletindo sobre as fronteiras muitas vezes tênues entre esses dois reinos filmicos. Já no trabalho de Souza, a tia narra as histórias do avô da realizadora na Segunda Guerra Mundial; a voz é ilustrada por álbuns de família, cujas páginas, viradas diante da câmera, trazem um caráter háptico as imagens.



Figura 1: Frame dos filme-ensaio “Melífluo”, de Nathalia Alves Fernandes

Dado o caráter experimental e maleabilidade de produção, os filmes-ensaios foram realizados com, relativamente, poucos recursos, com imagens captadas em DSLRs ou celulares, ambientados em locais rotineiros ou nas próprias casas dos realizadores. Nesse sentido, o contraste entre rotinas e a pluralidade espacial compõem exercícios de alteridade. Enquanto os filmes de Isadora Camoioço Rego e Orestes Rosseto Neto costuram imagens-ações cotidianas de espaços públicos e domésticos, o de Felipe Fidencio apresenta planos da casa do realizador, localizada em área rural e, portanto, com forte presença da natureza; e convém destacar que a diversidade de retratos das casas dos alunos é também outra característica poética de alteridade, já que esses espaços costumam conter e estender seus personagens (no caso, também realizadores).

O diálogo entre sonho e natureza é central também nos curtas de Maria Eduarda Alves Rodrigues Moreira e Giovana Navarro Fonseca, este último trabalhando com a saturação de um único plano (de uma árvore) em câmera fixa. Já em “Errar é humano”, Diogo Moreno Pereira se coloca como protagonista da performance realizada em diversos cômodos da casa, propondo uma metalinguagem com os diferentes exercícios sugeridos e o próprio ato da criação.

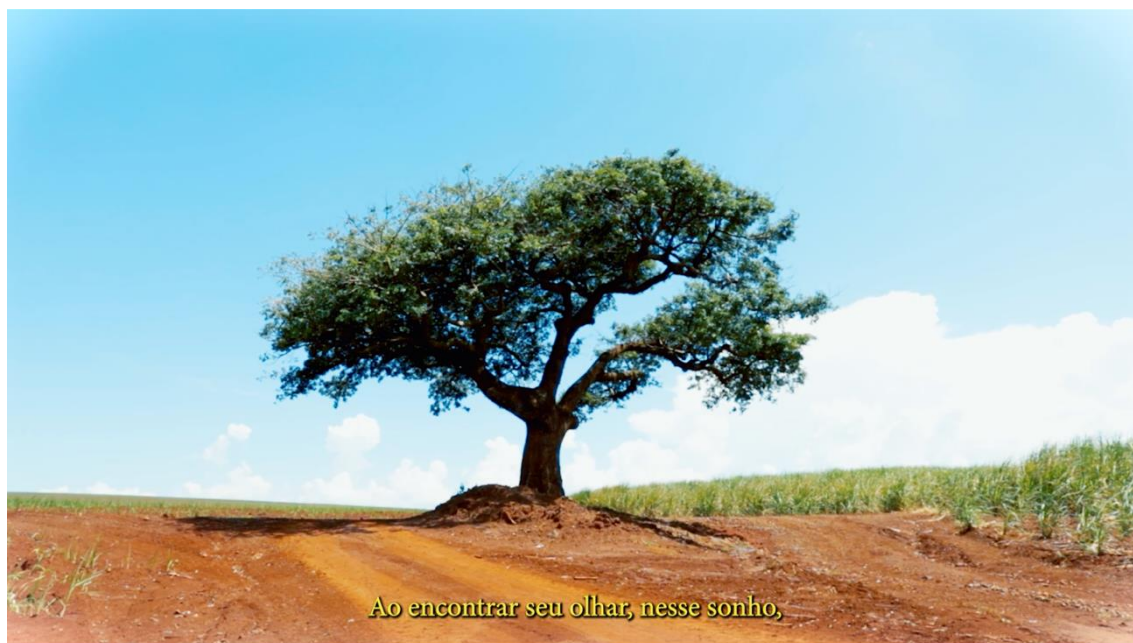


Figura 2: Frame do filme-ensaio de Giovana Navarro Fonseca

3 FILMES-ENSAIOS AMBIENTAIS: O MEIO AMBIENTE COMO DIREITO HUMANO

Dando seguimento ao filme-ensaio como processo do ensino-aprendizagem, a segunda leva de exercícios teve realização coletiva a partir da temática ambiental. Além da urgência climática global, o tema do meio ambiente tem especial pertinência e atualidade por conta da COP (Conferência das Nações Unidas sobre as mudanças climáticas), realizada em novembro de 2025 na cidade de Belém do Pará. Além disso, a proposição dialoga com a Semana dos Direitos Humanos da FIB, Projeto de Extensão institucional que, neste mesmo ano, trata da mesma temática.

Questões como poluição, lixo e esgoto apareceram de maneira mais frontal ou lateral em vários trabalhos. Esse tripé esteve, por exemplo, no ensaio de Kaik Vingnotto, João Sousa e Tiago Ferreira, que, a partir de imagens de Bauru, reflete sobre questões da paisagem urbana e do tratamento de esgoto da cidade, considerado o segundo pior do Brasil — Bauru ocupa a 81ª posição em saneamento básico e a 99ª em tratamento de esgoto no recorte da pesquisa realizada pelo Instituto Trata Brasil, abrangendo 100 municípios (G1 Bauru e Marília, 2025).

De maneira mais didática, usando *letterings*, narração e imagens de arquivo, o trabalho de Bruno Martins M. de Castro, Gabriel Bassi e Maria Eduarda Moreira trouxe outro problema urgente: as queimadas e seus impactos, que atravessam do meio ambiente à saúde e vida de diferentes espécies. “Polirritmo”, de Elton Patrizi Maximino, Felipe Fidencio e

João Vitor dos Santos, usa planos de paisagens plurais, de arquivos pessoais de Fidencio, para pensar diferentes possibilidades de ritmo na natureza e na vida humana; a leitura do poema que acompanha as imagens também se preocupa em construir um ritmo através da voz. O aluno Guilherme Ricci Delfino Lino apresentou ainda um vídeo-ensaio com a análise fílmica de “Moana”, animação dos estúdios Disney que aborda discussões ambientais. Numa outra abordagem da infância, o filme de Marina de Souza — produzido em escola de pedagogia Waldorf — capta planos detalhes das mãos de crianças lidando com uma horta, propondo construções hápticas e poéticas a partir das imagens e sons. Sem mostrar os rostos das crianças, o filme usa as vozes que, em coro, declamam o poema de Rudolf Steiner, repetindo o verso “é dessas mãos que precisa o mundo”.



Figura 3: Frame do filme-ensaio de Marina de Souza

Também avançando do ensaio à ficção, o curta de Bruno Cunha e Giovana Navarro Fonseca trabalha com edição sobre gravuras para ilustrar uma fábula infantil protagonizada por gatos, levantando questões como a concentração de riqueza, as injustiças sociais e o esgotamento de recursos naturais são debatidos de forma lúdica. Realizado numa propriedade rural de Bauru, o filme-ensaio de Natália Fernandes e Orestes Rosseto Neto registra o incêndio de um espantalho como imagem de múltiplas camadas, tratando tanto problema da seca e das queimadas quanto da exploração do trabalhador e da natureza. Num contraponto não combinado, “Água”, de Diogo Moreno Pereira propõe uma metáfora audiovisual

comparando o fluxo incessante de informações (trazido pela banda sonora) a um vazamento de água, recurso finito e com sérios problemas de acesso, distribuição e preservação em Bauru; em 2024, foram mais de cinco meses de racionamento e rodízio de água na cidade (G1 Bauru e Marília, 2024).

Algumas recorrências marcam este recorte de filmes ensaios ambientais: as imagens de arquivo surgem como recurso que contorna as limitações de captação tecnológica e geográfica de determinados planos e aumenta a pluralidade das imagens. Outro ponto é que, de alguma forma, a opção pelo trabalho coletivo (não mais individual, como no exercício anterior) atenuou evidências mais subjetivas da realização, posicionando alguns curtas mais próximos do registro documental. O tangenciamento entre documentário e filme-ensaio é motivo de debates acadêmicos; no artigo “Um conceito fugidio. Notas sobre o filme ensaio”, Antonio Weinrichter López (2015) aponta, justamente, a condição fronteiriça do filme ensaio, que, segundo o autor, elabora uma confluência entre o documental e o experimental. É nesse sentido que os alunos Felipe Fidencio e Nathalia Alves observam aproximações, como a aparição de imagens do cotidiano tanto nos filmes-ensaios quanto nos documentários (apresentados na próxima seção). O aluno Orestes Rosseto Neto resume que o ensaio “é uma junção de várias coisas”.

Seguindo a lógica do ensaio como forma que pensa (Teixeira, 2015, p. 15) filmes-ensaios ambientais aqui apresentados constroem e compartilham, de diferentes formas, reflexões e provocações acerca de problemas e soluções a serem debatidos pela sociedade por um futuro mais sustentável. Nesse sentido, as produções são a culminância de uma série de discussões feitas em sala de aula sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) traçados pela ONU e sobre uma realização audiovisual com mais responsabilidade e segurança ambiental.



Figura 4: Frame do filme-ensaio “Água”, de Diogo Moreno Pereira

4 DOCUMENTÁRIOS: CONTATOS SOCIAIS E DIREITOS HUMANOS

Produzidos na disciplina de Documentarismo, ministrada pelo Prof. Me. José Rubens Leal de Oliveira Rossetto, e tomando como base o livro “Roteiro de Documentário: da pré-produção à pós-produção” (Puccini, 2022), os documentários se configuram como realizações que vão ao encontro do contato social, fazendo asserções sobre o recorte retratado. Nesse sentido, vale retomar a metáfora, encampada por Eduardo Baggio (2022), de “filmes feitos para uma sala de cinema com janelas”, isto é, que remetem a um mundo fatídico, que pode se abrir ao espectador para além da tela, diferente das possibilidades ficcionais. O contato com recortes da realidade faz com que o documentário se torne um gênero propício à Extensão Universitária. Quatro curtas foram produzidos durante a disciplina, todos com algum tipo de contato com a comunidade.

A equipe composta pelos alunos Bruno Reche, João Sousa, Luiza Spina e Guilherme Lino realizou um documentário participativo sobre o Zoológico de Bauru, abordando sua importância para a cidade como instituição de cultura e lazer, dois valores assegurados pela Declaração dos Direitos Humanos. Segundo o pesquisador do cinema documentário Bill Nichols (2005), o documentário participativo é aquele que insere os realizadores numa participação mais direta com personagens e universo retratados, sendo caracterizado sobretudo pela realização de entrevistas. Nesse sentido, o curta “Zoológico Municipal de Bauru” usa desse recurso tanto com o público frequentador quanto com funcionários da

instituição para tratar da importância do zoológico no resgate e tratamento de animais em extinção ou que não podem voltar à vida selvagem. Um aspecto bastante preponderante neste trabalho é a relação entre o zoológico e a infância, uma vez que a instituição marcou crianças de diferentes gerações de Bauru e região. Essa presença infantil marca inclusive a captação das imagens e sons, já que, segundo os realizadores, havia grande presença de escolas municipais na diária em que gravaram. Sobre o processo de produção, o aluno João Souza relata o aprendizado dessa experiência no que diz respeito ao tempo de pré-produção, considerando, principalmente, a necessidade de autorizações para filmar em um espaço público municipal.

“O Preço da sorte”, documentário produzido por Bruno Oliveira, Giovana Fonseca, Orestes Rosseto Neto, Tiago Ferreira, Kaik Aruan Vingnotto e Elton Maximino, trata de uma questão social efervescente, além de um problema de saúde pública contemporâneo e urgente: as Bets, aplicativos de aposta online. Com um discurso de denúncia a essa epidemia não tão silenciosa — pois já tem sido devidamente apontada em pesquisas e matérias jornalísticas —, o documentário, também participativo, entrevista um advogado, um matemático e um psicólogo para discutir, respectivamente, a legalização das Bets, as probabilidades algorítmicas da aposta bem-sucedida e o vício que afeta direta e indiretamente a vida de famílias brasileiras; nesse sentido, dá voz a um apostador e ao familiar de um viciado em apostas. Segundo os realizadores, o filme tem como referências o curta “Ilha das Flores” no que diz respeito à narração, e “La Jetté”, na inserção de imagens de cobertura.

“Hip Hop salva”, cujo título vem do grito recorrente em batalhas de rima, tem realização de Marina de Souza, Natalia Fernandes, Diogo Pereira e Isadora Rego, e apresenta, em entrevistas, a complexidade do universo de hip hop, retratando vertentes como o rap, o grafite, o break e DJing. Além de ouvir diferentes perspectivas sobre o movimento, o filme usa material de banco de imagens para retratar uma contextualização histórica do hip hop, recuperando a importância identitária dessa cultura urbana que segue sendo marginalizada em muitas esferas. Apesar das dificuldades de agenda dos entrevistados, os realizadores relataram que as gravações ocorreram de maneira esparsa em sete diárias, o que torna esta produção a mais longa no recorte apresentado. A dificuldade de cronograma e a necessidade de adaptar-se a questões externas é uma das dificuldades pressupostas da realização documental.

“Nada sobre nós, sem nós - Vozes da Parada de Bauru” também ativa o modo participativo — aliado ao uso de diferentes tipos de arquivo — para apresentar a militância LGBTQIAPN+ em Bauru, assim como o consequente surgimento da Parada da Diversidade

na cidade. Intercalando depoimentos e arquivos trabalhados em texturas de VHS, o curta toca em pautas sociais importantes, como o simbolismo político da Parada (sobretudo numa cidade conservadora) e a necessidade de se pensar estratégias para combater opressões provenientes de LGBTfobia. Responsável pelo roteiro, produção e direção de arte do filme, o aluno Felipe Fidencio relata uma dificuldade de pesquisa que aparece no filme: a ausência de mulheres da comunidade LGBT entre as entrevistas, que, protagonizadas por homens, acabaram se organizando pelas perspectivas política, social e individual. Nesse sentido, o filme tenta suprir a ausência dessa representação por meio de vasto material de arquivo.

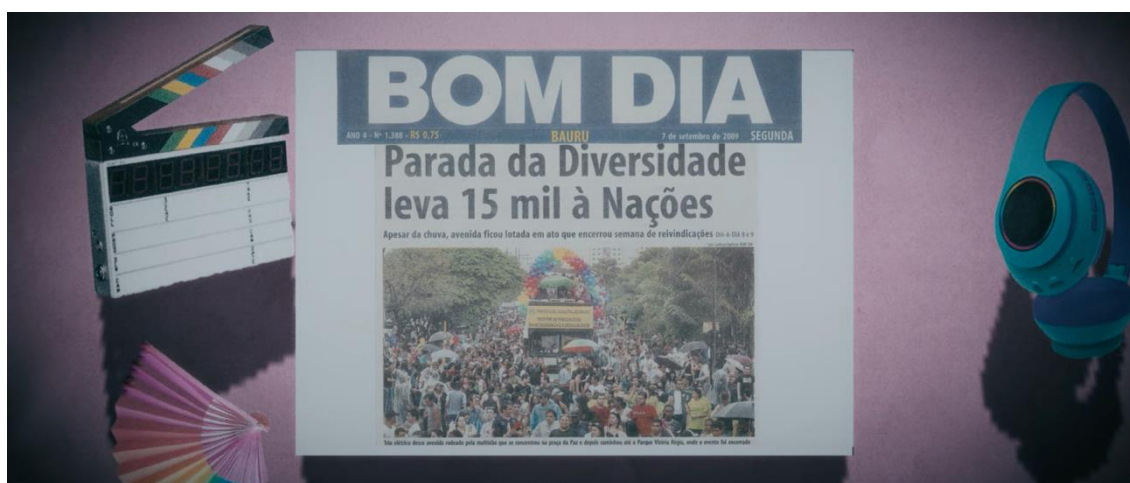


Figura 5: Frame do documentário “Nada sobre nós, sem nós - Vozes da Parada de Bauru”

Por fim, o curta “Memórias dos Céus: Acidentes Aéreos” conjuga o modo participativo ao performático, uma vez que o documentário tem como protagonista Seu Pedro, autor da maior enciclopédia de acidentes aéreos do mundo e avô do diretor Bruno Castro, que também é personagem e narra o filme. O documentário entrevista também outros familiares do diretor, que relata uma curiosidade: quando a memória do avô, de 93 anos, falhava, a equipe recorria à própria enciclopédia para completar essas lacunas. Além de Bruno Castro, participaram de “Memórias do Céu” os discentes Gabriel Bassi, Giovane Ponce, Giulia Costa, Leonardo Torres e Maria Eduarda Alves.

É importante destacar que o documentário, enquanto gênero, não se faz apenas na colocação da câmera para a efetivação de um recorte do real, mas começa na pesquisa de determinado tema/recorte atrelado ao mundo fatídico. Partindo desse pressuposto, todos os documentários aqui apresentados envolvem o contato dos alunos com determinadas realidades que extrapolam a sala de aula e os limites da faculdade. Assim, são filmes que ativam o

potencial cinematográfico da alteridade, uma vez que dão voz e imagem a pessoas e olhares sobre um horizonte de questões sociais, trazidas a contextos familiares, comunitários, locais ou regionais. Além disso, são filmes que envolvem diferentes demandas e processos de produção; “Zoológico Municipal de Bauru” e “Nada sobre nós, sem nós”, por exemplo, contaram com o apoio da Prefeitura Municipal de Bauru, o que, por si só, envolve tratativas burocráticas que levam certo tempo.



Figura 6: Frame do documentário “Memórias dos Céus: Acidentes Aéreos”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse mosaico de filmes-ensaios e documentários com diferentes temáticas e formatos de produção, é notável um recorte de realizações com preocupações artísticas, culturais e sociais que atravessam do pessoal ao coletivo, costurando questões subjetivas e objetivas.

A natureza majoritariamente coletiva do audiovisual (provável na realização; certa na recepção) e sua capacidade de decalcar e (re)construir mundos produz, por si só, registros ficcionais, documentais, experimentais ou ensaísticos dispostos a outros olhares; o cinema, sobretudo, conjuga o fazer artístico a um caráter popular, abrindo-se da experiência estética à capacidade comunicativa. Os filmes apresentados neste artigo compõem um quadro com aproximações e distanciamentos comuns entre trabalhos de turma, explicitando não só escolhas éticas e estéticas no posicionar da câmera e no captar do som, mas contendo também saberes construídos entre processos, limitações, intuições e escolhas deliberadas ou não.

São filmes que, já em exhibições pontuais (como na Semana de Direitos Humanos) dentro e fora da FIB, começam a encontrar seus espectadores, abrindo-se ao contato com outras sensibilidades e continuando a alteridade da arte, da comunicação e do cinema. Afinal, para além das contribuições socioculturais mais frontais (como discussões sobre a preservação ambiental, diversidade sexual e de gênero, direito à saúde, cultura e lazer), a arte é, per se, um alimento à imaginação, essa atividade humana que impulsiona a ciência, o conhecimento e o sonho. Que, portanto, nos move ao amanhã. Uma síntese possível, portanto, é que todos os filmes têm em comum o movimento, essa matéria-prima cinematográfica que extrapola das imagens, movendo e modificando mundos objetivos e subjetivos.

REFERÊNCIAS

BAGGIO, Eduardo. *Documentário - filmes para uma sala de cinema com janelas*. Curitiba: A Quadro, 2022.

BERGALA, Alain. *A Hipótese-cinema – Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink / CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.

CANDIDO, Antonio. *Vários escritos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul; São Paulo: Duas Cidades, 2004.

CORRIGAN, Timothy. *O filme-ensaio: desde Montaigne e depois de Marker*. Campinas: Papirus, 2015

G1 BAURU E MARÍLIA. *Bauru completa 5 meses de rodízio no abastecimento de água sem previsão de suspensão da medida*. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2025/07/15/bauru-cai-para-81o-lugar-em-ranking-de-saneamento-basico-no-pais.ghhtml>. Acesso em: 04 nov. 2025.

G1 BAURU E MARÍLIA. *Bauru cai para 81º lugar em ranking de saneamento básico no país*. 2025. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/bauru-marilia/noticia/2025/07/15/bauru-cai-para-81o-lugar-em-ranking-de-saneamento-basico-no-pais.ghhtml>. Acesso em: 04 nov. 2025.

LÓPEZ, Antonio Weinrichter. Um conceito fugidio. Notas sobre o filme ensaio. In: TEIXEIRA, Elinaldo (org.). *O ensaio no cinema: formação de um quarto domínio das imagens na cultura audiovisual contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2015. p. 42-91.

Ministério da Educação. *MEC orienta extensão universitária com participação social*. 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/marco/mec-orienta-extensao-universitaria-com-participacao-social>. Acesso em: 06 nov. 2025.

MONTEIRO, Lúcia. O Poder do sonho, a força das imagens. In: PALHEIROS, Renata (org.). *13ª Mostra de Direitos Humanos: vencer o ódio, semear horizontes*. Niterói: Ed. dos Autores, 2024. p. 21-28. Disponível em: https://mostracinemaedireitoshumanos.mdh.gov.br/wp-content/uploads/2024/03/13aMCDH_Catalogo_web_v3.pdf. Acesso em: 06 nov. 2025.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus editora, 2005.

PUCCINI, Sérgio. *Roteiro de documentário: Da pré-produção à pós-produção*. Campinas: Papirus Editora, 2022.

TEIXEIRA, Francisco Elinaldo. *O ensaio no cinema: formação de um quarto domínio das imagens na cultura audiovisual contemporânea*. São Paulo: Hucitec, 2015.